

## JACQUES LE GOFF E AS NARRATIVAS EXEMPLARES MEDIEVAIS: AS BALIZAS DE UM PERCURSO\*

Jacques Berlioz  
(AHLOMA<sup>1</sup>-Anthropologie Historique du Long Moyen Age-EHESS, Paris)  
[jacques.berlioz@ehess.fr](mailto:jacques.berlioz@ehess.fr)

Marie-Anne Polo de Beaulieu  
(AHLOMA-Anthropologie Historique du Long Moyen Age-EHESS, Paris)  
[polo@ehess.fr](mailto:polo@ehess.fr)

Recebido em: 03/09/2016  
Aprovado em: 09/11/2016

### Résumé:

Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu proposent un parcours dans l'œuvre immense de Jacques Le Goff à travers une source qu'il a grandement contribué à faire connaître : les récits exemplaires (ou *exempla*). Il en a donné une définition dans le volume de la Typologie des Sources intitulé l'Exemplum en 1982, largement reprise, discutée et retravaillée, preuve de sa fécondité. Jacques Le Goff a esquissé dans ce fascicule hors norme un vaste programme de travail sur les *exempla* : exploration des limites du corpus, réflexions sur le fonctionnement et les usages des exempla dans la société médiévale, éditions de textes, études d'anthropologie historique et de sociologie historique à travers cette source longtemps oubliée.

**Mots clés :** Récit, exemplarité, rhétorique, ordres mendiants, formes brèves, sociologie historique, anthropologie historique.

### Resumo

Jacques Berlioz e Marie-Anne Polo de Beaulieu propõem um percurso na imensa obra de Jacques Le Goff através de uma fonte para cuja divulgação ele contribuiu grandemente: as narrativas exemplares (ou *exempla*). Ele as definiu no volume da Tipologia das Fontes intitulado *Exemplum* em 1982, e essa definição foi largamente retomada, discutida e retrabalhada, prova de sua fecundidade. Jacques Le Goff esboçou nesse fascículo atípico um vasto programa de trabalho sobre os *exempla*: exploração dos limites do *corpus*, reflexões sobre o funcionamento e os usos dos *exempla* na sociedade medieval, edição de textos, estudos de antropologia histórica e de sociologia histórica através dessa fonte esquecida por tão longo tempo.

**Palavras-chave:** Narrativa, exemplaridade, ordens mendicantes, formas breves, sociologia histórica, antropologia histórica.

## 1. O aniversário de 90 anos de Jacques Le Goff

Os autores desta contribuição foram à casa de Jacques Le Goff no início de 2014 para celebrar seus 90 anos. Ao longo desse caloroso encontro, Jacques Le Goff (que comentou conosco o quanto lhe parecia curioso ser nonagenário) insistiu sobre o prazer que ele tivera em relançar na França os estudos sobre os *exempla*. E menos de seus próprios trabalhos – Jacques Le Goff era sempre de grande modéstia –, o grande historiador nos falou de sua “bela pesquisa”, conduzida coletivamente, sobre esse assunto. E exprimiu (sempre de forma pudica) a satisfação que tinha quanto aos resultados obtidos. Essa fonte foi por muito tempo desprezada pelos historiadores da literatura, por seu caráter mais pragmático que estético, e pelos historiadores, que, durante muito tempo, viram nela um compêndio das “superstições medievais”. Ela adquiriu o estatuto de fonte pertinente para a maioria dos historiadores ao preço das precauções de se distinguir os *topoi* das *realia* e de se desenvolver uma história das representações. E Jacques Le Goff vira que, no cruzamento da oralidade e da escrita, do latim e do vernáculo, da cultura erudita e da cultura folclórica, os *exempla* constituíam um observatório eficaz da sociedade medieval. Os *exempla* dependiam certamente da história social, mas também da etnologia e da abordagem literária; eles implicavam em colaborações interdisciplinares, que foram grandes momentos da carreira de Jacques Le Goff. Hoje, nós gostaríamos de oferecer aos leitores de Jacques Le Goff uma curta antologia de seus trabalhos sobre os *exempla* medievais, seguindo a ordem cronológica, mergulhando em seus artigos e livros, sem esquecer a documentação pedagógica e sua “ego-história”.

## 2. Os ensinamentos de Jacques Le Goff: os anuários

As aulas dos pesquisadores da VI seção da Escola Prática de Altos Estudos (que se tornou Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais em 1975), veem-se resumidas a cada ano em um anuário. Fonte preciosa para os historiadores, mas, deve-se confessar, pouco utilizada<sup>2</sup>.

No anuário dos cursos da EPHE, 6ª seção, ano 1968-1969, encontra-se no título “História e sociologia do Ocidente medieval”, um relatório de ensino que não diz uma palavra sobre os *exempla*, mas insiste em “pesquisas sobre o papel e os aspectos do folclore na cultura medieval e uma pesquisa sobre o apostolado mendicante na França medieval” (p. 65), a través dos temas da Cocanha, do Homem selvagem, do macaco e de Merlin<sup>3</sup>. As pequenas ordens mendicantes suprimidas pelo 2º Concílio de Lyon de 1274 retiveram a atenção do curso.

O anuário das aulas da EHESS, ano 1974-1975, evoca para o curso de terça-feira (18h-20h), sob o mesmo título, os *exempla* do purgatório: os de Etienne de Bourbon e suas fontes: as narrativas de viagem para o além (Beda, *História eclesiástica*):

O estudo e a comparação comportaram uma tentativa de análise estrutural e um ensaio de análise de conteúdo, ligados em uma abordagem do funcionamento da sociedade medieval através das estruturas do imaginário e da ação da Igreja, como centro de produção ideológica (p. 198).

São, em seguida, assinalados, na rubrica “apresentações de alunos e trabalhos práticos”, as intervenções de Jean-Claude Schmitt sobre “Um *exemplum* de Etienne de Bourbon: o culto de São Guinefort e o método etno-histórico<sup>4</sup>” e de Alain Guerreau: “Uma lenda do *De Miraculis* de Pedro, o Venerável, o método etno-histórico e a periodização da história ocidental<sup>5</sup>”. Na rubrica “Apresentações de conferencistas externos”, deve-se notar, para nosso interesse, a do padre dominicano Louis Jacques Bataillon, “Os *exempla* nos sermões universitários”.

Quanto às “atividades científicas do diretor de estudos”, Jacques Le Goff lembra as pesquisas em curso:

Os *exempla* medievais (pesquisa do CRH com a contribuição do CNRS), o nascimento do purgatório: sociedade dos vivos e sociedade dos mortos (séculos XII e XIII), Pesquisas sobre o imaginário medieval: a) os sonhos e sua interpretação; b) imaginário urbano. Antropologia histórica do gesto na Idade Média.

É interessante notar que as expressões “método etno-histórico” e “antropologia histórica” são empregados no mesmo desenvolvimento, mas a segunda para evocar principalmente as pesquisas feitas por Jean-Claude Schmitt.

### **Notas de um ouvinte de um curso de 1974: *reportatio* de Jacques Berlioz**

Nas notas (conservamos delas o caráter bruto) tomadas por Jacques Berlioz na aula de 5 de março de 1974, consagrada aos *exempla* do purgatório, aparecem os prolegômenos à definição de *exemplum* homilético tal como fornecida no fascículo 40 da Tipologia das Fontes<sup>6</sup>.

[Jacques Le Goff, nessa abertura de sua aula (a primeira do ano 1974-1975) e consagrada ao estudo do purgatório, começa por expor seu método. Ele menciona a sociologia e a antropologia cultural anglo-saxã. A questão de compreender como funciona uma sociedade. O que a faz funcionar? Essa história deve ser total].

Abordagens da sociedade cristã do século XIII através do *exemplum*.

Textos de *exempla*.

Tentativas de definição: Jacques de Vitry; <J. Th. > Welter

*Exemplum* = Uma historieta [palavra riscada, substituída por narrativa] destinada a ser inserida em um discurso, em geral um sermão, para convencer um público por meio de uma anedota dada como realmente acontecida, de uma verdade religiosa, útil à sua salvação.

- *historieta* = forma narrativa → universo da narração: “contar”. Campo da cultura.

- *inserida*: <o *exemplum*> não é independente, ele existe unicamente na medida <em que ele está ligado à função> pedagógica. Um *exemplum* só não existe. → gênero dentro de um outro gênero, colagem dentro de um outro gênero literário.

- *sermão*: não apenas narração, mas oralidade: falar e ouvir.

O discurso = sermão: deve ser reportado à predicação. Os *exempla* que se tem: frequentemente não pela tradição oral, mas também escrita → relação oral-escrito → problema

- *convencer*: os criadores e utilizadores <do> *exemplum*: <exemplum> útil e necessário → convencer: retórica: persuasão; convencer: outro campo: retórica medieval.

Problema de público: público histórico. Em princípio: público dos *exempla* = todo mundo, todos os cristãos são chamados a ouvir sermões. <Mas pode haver também um> público especializado, restrito, estruturado.

Nos primeiros *exempla* estudados (cistercienses), público eclesiástico e monástico. Ora, os grandes contadores de *exempla* = dominicanos → o público se expande <e aumenta>.

- *Dado como realmente acontecido*: importante. <Desde os> oradores latinos, tratava-se de um *exemplum* para convencer → o melhor meio de persuadir: pela “verdade histórica”. O *exemplum* devia servir para inculcar uma *verdade religiosa*. Verdade = ensinamento. Lado pedagógico: insistir no aspecto da verdade → relações entre verdade de um acontecimento e verdades eternas.

- *religiosa*: sempre se emprega <o termo> *moral*; ora, a religião amplia seu domínio da vida quotidiana. *Exempla* = Bíblia da vida quotidiana: tendência à moralização. Mais frequentemente bíblias moralizadas → como isso se relaciona com a arte (Francastel) → transcrição pictural de *exemplum* [...] perspectivas escatológicas: sentido preciso dos fins últimos: prancha de salvação literária.

- Útil à sua salvação: <o> útil se impõe: a religião toma um caráter utilitário mais marcado.

Nas análises formais: <a> categoria da salvação <é> importante.

Conclusão: o *exemplum* assim definido tem uma função histórica: só pode ser aplicado para uma dada função [...]. Ideia de uma sociedade que produziu e consumiu o *exemplum*. Problema com relação à cronologia, com relação à Reforma: não há história sem cronologia.

[Jacques Le Goff continua apresentando coletâneas de *exempla* na Idade Média, demorando-se na questão da aparição da palavra *exemplum/exempla*, o que lhe permite uma escapada sobre a questão do nascimento e/ou gênese de um fenômeno histórico. Ele menciona o fascículo *O Exemplum*, que lhe foi pedido por Léopold Génicot para a Tipologia das fontes da Idade Média; para ele, trata-se de uma empreitada de tipologia importante e enriquecedora; trata-se de dar uma definição <do *exemplum*>, em seguida de estudar as definições reais ao longo do tempo; deve-se observar o vocabulário empregado pelas pessoas do século XIII. Ademais, ele se questiona sobre a relação entre os sermões e os *exempla*: o nascimento do *exemplum* propriamente dito está ligado ao fato de ele ser destacado do sermão e publicado à parte. Ele denuncia o escândalo dos editores que propõem títulos às coletâneas de narrativas exemplares. Na Idade Média, as coletâneas não possuem títulos, ou os títulos variam. Jacques Le Goff convoca a uma nova erudição].

Em 1978, Jacques Le Goff fundou, com Jean-Claude Schmitt, uma equipe no Centro de Pesquisas Históricas (EHESS/CNRS), o Grupo de Antropologia histórica do Ocidente medieval (GAHOM), e uma de suas pesquisas concerniu os *exempla* medievais. Essa equipe era composta por Jean-Claude Schmitt, Colette Ribaucourt; a ela juntou-se Jacques Berlioz (1982), Marie-Anne Polo de Beaulieu (1984), Jérôme Baschet<sup>7</sup> (1993), Pascal Collomb (1997-2014), Philippe Maurice (2002), Pierre Monnet (2005), Pierre-Olivier Dittmar (2008).

### **3. A Tipologia das fontes e a definição do *exemplum* homilético (1982)**

O contexto da escrita do fascículo “O *exemplum*” publicada na Tipologia das fontes da Idade Média Ocidental foi assim retrçado por Jean-Claude Schmitt em 2005<sup>8</sup>:

O interesse <pelos *exempla*> renasce nos anos 60 e 70 do século XX, em favor da orientação dos estudos históricos e etnológicos em direção às questões da historicidade do folclore, das tradições orais, das “narrativas breves”: deve-se citar aqui também a coleção dos “Folklore Fellows Communications” – onde Thomas Frederic Crane já publicara e que acolheu, muito depois, o Index exemplorum de Frederich C. Tubach – que as pesquisas de narratologia ilustres por Lüthie e Jolles e, sobretudo, pela *Morfologia do conto* de Vladimir Propp; é na intersecção dessas correntes e em fazendo-as juntar-se que se situam o trabalho de Jacques Le Goff e a pesquisa coletiva à qual ele deu uma primeira e decisiva impulsão, e, enfim, o volume da Tipologia <das fontes> de 1982, onde se cruzam preocupações históricas e um ensaio de análise estrutural que se deve a Claude Bremond.

#### **A advertência de Léopold Gênicot**

Na advertência que ele dá ao fascículo, Léopold Gênicot, diretor da *Tipologia das fontes da Idade Média ocidental* (Brepols), não esconde uma certa irritação perante um volume que derroga um pouco aos códigos da coleção, mas confessa sua admiração face a esse trabalho pioneiro:

[...] Este fascículo não se conforma em todos os pontos, não mais que alguns de seus antecessores, ao nosso plano ideal. Sua primeira parte trata sucessivamente dos problemas sobre os quais ele se impõe a análise; tal e tal capítulos simplesmente reduziram, alongaram, às vezes dividiram, por razões relacionadas à exploração e à transmissão dos *exempla*; as principais serão enunciadas no prefácio, que segue.

A segunda parte procede, simultaneamente, aos laços do *exemplum* com um sistema ético-religioso e com uma teoria da retórica e de seu caráter repetitivo. [...]

A terceira parte explica-se pela frequência do emprego do *exemplum* nos sermões. [...] E, mais do que interferir no fascículo que J. Longère publicará em breve sobre o sermão medieval, ela o anuncia e o prepara<sup>9</sup>.

Vários pesquisadores contribuíram com esse conjunto. Ele é fatalmente o resultado de repetições. A Direção de uma coleção não tem o direito de recusar a um erudito de apresentar de sua maneira um ponto tocado por outro e que ele estima essencial: por exemplo, definir um termo ou exprimir uma ideia como ele quiser. Menos ainda deve ela se envolver com as redações que não se recobrem exatamente para fundi-las em um todo completo e coerente. Ela pode estabelecer limites, remodelar estruturas para obedecer a normas, sugerir acréscimos ou reajustes. Mas a última decisão cabe sempre aos autores.

Os autores [...] sublinharão, enfim, que essas páginas, novas, avançam hipóteses, abrem caminhos, mais chamam à pesquisa do que trazem certeza e formulam regras. É um verdadeiro trabalho de pioneiros: quem não se felicitará dele?

### **A Tipologia e a definição do *exemplum***

O fascículo 40 abre caminhos muito diversos que refletem bem as preocupações de três autores: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, amantes de história e antropologia, e Claude Bremond, especialista em narratologia. Após uma bibliografia (atualizada por J. Berlioz na reedição do fascículo, em 1996), o primeiro capítulo, intitulado “Definições e problemas” oferece uma definição frequentemente retomada, pelo próprio Jacques Le Goff e seus colegas (pp. 37 e 38):

Nós propomos, então, como definição do *exemplum* medieval “uma narrativa breve dada como verdadeira e destinada a ser inserida em um discurso (em geral, um sermão) para convencer um público por uma lição salutar.

Vêm, em seguida, desenvolvimentos sobre os tipos de *exempla*, sobre a evolução do *exemplum* desde a Antiguidade, as regras críticas que o *exemplum* levanta, as edições e os repertórios. Dois capítulos sobre o interesse histórico e *exempla* e folclore vêm concluir essa primeira parte. A segunda parte, que se deve a Claude Bremond, apoia-se nos *exempla* dos sermões de Jacques de Vitry para propor delas uma decomposição sistemática (as partes do *exemplum*) e um inventário pragmático. A terceira e última parte volta ao contexto pastoral, concentrando-se no *exemplum* do sermão.

#### **4. Desenvolvimento da reflexão sobre o *exemplum* homilético<sup>10</sup>**

Em 1985, no colóquio da “Associazione per il Medioevo e l’Umanesimo latini”, consagrado a *Retorica e Poetica trai i secoli XII e XVI*, Jacques Le Goff forneceu um volumoso artigo sobre o *exemplum* e a retórica da pregação nos séculos XIII e XIV, complemento útil à Tipologia das Fontes.

J. Le Goff retorna, então, às definições do *exemplum*, às características do “*exemplum* moderno” em referência ao *sermo modernus*, que se desenvolve no século XIII, brincando com os *auctoritates*, os *rationes* e os *exempla* (expressão raramente retomada em seguida). Paralelamente, assiste-se ao desenvolvimento das coletâneas de *exempla*, entre as quais ele distingue as coletâneas que recorreram aos *exempla* em um discurso teológico, moral ou pastoral (Cesário de Heisterbach, Eudes de Cherinton, Etienne de Bourbon) dos repertórios de *exempla*, frequentemente por ordem alfabética (*Alphabetum narrationum* e *Scala coeli*). Se ele retorna aos fundamentos aristotélicos da retórica (*ethos*, *pathos*, *logos*), se ele se interroga sobre as especificidades da “retórica da pregação e da retórica de massa”, Jacques Le Goff emprega, várias vezes, o termo “retórica” no sentido metafórico, “retórica do medo, da identificação interior, do amuleto narrativo, da santidade, da pequena história”, o que pode, algumas vezes, confundir. Ele desenha uma evolução em direção a um catecismo sistemático do medo, fundado nos castigos exemplares de pecadores inveterados entregues aos demônios, mais frequentemente colocados em cena que os heróis virtuosos. No entanto, o apostolado dispensado pela Igreja a essas massas leigas age principalmente sobre o medo: medo do pecado sob suas múltiplas formas, que se assenta mais no medo negativo do diabo e do inferno, que no medo positivo de Deus, fonte da salvação. O novo *exemplum* é majoritariamente negativo. Ele mostra, sobretudo, o que *não* se deve fazer (p. 24). Ele serve a uma retórica do medo.

Na transmissão do saber retórico antigo, J. Le Goff lembra o papel eminente de Cícero (*De inventione*) e da *Rhetorica ad Herennium*, que lhe foi atribuída, mas igualmente de Agostinho (*De doctrina christiana*, que lembra que a capacidade de persuadir assenta-se sobre três ações: *docere*, *delectare* e *flectare*), sem esquecer João de Garland, em sua *Poetria*. Os autores de manuais do bom predicador adaptaram essa herança: Alain de Lille (*De arte praedicatoria*), Humbert de Romans, Godofredo de Vinsauf, Robert de Basevorn (*Forma praedicandi*).

J. Le Goff dá as condições de elaboração de uma “narrativa eficaz” (segundo a expressão de Jacques Berlioz) na óptica clerical: a autenticidade, a verossimilhança, a brevidade (ligada à univocidade), o prazer e a facilidade de memorizar.

Não se deve esquecer que o *exemplum* medieval retirado de seu contexto é um objeto artificial e que ele era feito para funcionar no interior de um tratado ou de um discurso que era, na maior parte das vezes, um sermão. Ele faz parte, então, da categoria do *gênero dentro do gênero*. Sua retórica insere-se na retórica do sermão que o engloba. Lembremo-nos que a persuasão que lhe é reservada situa-se do lado da emotividade, do prazer, da memória. Mas também deve-se lembrar que a pregação dessa época tende de seu lado a se destacar da liturgia, a funcionar à parte, até fora dos ofícios religiosos. O *exemplum* pode, assim, submeter-se às vontades de um

predicador que se torna mais um contador, um orador, um ator que um oficiante. Ele lança mão de um tipo de palavra do qual os mendicantes tornar-se-ão mestres. (P. 16)

Enfim, Jacques Le Goff curva-se sobre a recepção dos sermões recheados de *exempla* e sobre as relações entre o *exemplum* e a história (Historia e historia), insistindo sobre a contribuição cada vez mais maciça de narrativas contemporâneas desprovidas da aura da antiguidade. *In itinere*, ele deixa de reconhecer o lugar sempre importante das *Vitae Patrum* nas coletâneas até o fim da Idade Média e além.

Este artigo permite ver as referências teóricas sobre as quais apoiam-se as pesquisas de Jacques Le Goff sobre a narração exemplar: Susan Suleiman, Roland Barthes, Peter von Moos. Ele propõe *in fine* assimilar o *exemplum* a um “tipo de objeto mágico, um amuleto salvador”:

As ordens Mendicantes não vivem, aliás, esse paradoxo, pois, produzindo manuais mais ou menos sofisticados de confissão destinados a ajudar em exames de consciência aprofundados, eles propõem, os Dominicanos, o fetichismo do terço, o rosário; e o Carmo, o do escapulário dado pela Virgem ao bem-aventurado Simon Stock? Quanto ao *exemplum*, uma retórica da identificação interior parece terminar em uma retórica do amuleto narrativo (p. 24).

Jacques Le Goff conclama estudos de linguística dos *exempla*, e trabalhos recentes aumentam essa espera (J.-Y. Tilliette, V. Smirnova e M. Formarier principalmente) e contradizem em parte sua impressão de que os predicadores recorrem à retórica antiga “apenas em um nível superficial de receitas”.

A definição fornecida no Fascículo 40 da Tipologia das Fontes levantou um debate. Jean-Claude Schmitt, em 2005, fez dele um resumo<sup>11</sup>:

O *exemplum* responde a uma definição complexa [O *exemplum*, 1982, p. 27-38], que deve, ao mesmo tempo, dar conta de sua natureza de narrativa, de sua brevidade, de seu paradoxo de história frequentemente fictícia, mas verossímil e dada como “autêntica”. Essa narrativa prevalece-se, com efeito, de uma “autoridade”, ou seja, de uma referência a um personagem “digno de fé” ou a um escrito passado “que autoriza”, garante a “autenticidade” do dizer. É uma narrativa que conhecemos apenas sob forma escrita, mas que se situa, frequentemente, a montante e a jusante em uma cadeia de transmissão oral. É um texto encaixado em um texto mais vasto (em primeiro lugar, um sermão) e mesmo uma obra (uma coletânea de *exempla*). Enfim, é uma narrativa que tem, na maior parte dos casos, finalidade ideológica, moral e religiosa, pois o *exemplum* pretende-se, de início, “exemplar”...

O próprio Jacques Le Goff comentou e pôs em contexto sua definição do *exemplum* em capítulos liminares de colóquios dedicados a essa rica fonte<sup>12</sup>. Definição que não deixou de ser

objeto de discussões e de ajustes. Parece-nos que confusões ou mal-entendidos devem-se ao fato que o adjetivo “homilético” não aparece nessa definição, voluntariamente sintética, o que explica as críticas de Peter von Moos e Nicolas Louis<sup>13</sup>. Ademais, com o avanço das publicações, os pesquisadores compreenderam que é a lição do *exemplum* que deve ser posta como verdadeira, mas não necessariamente a narrativa, podendo o processo exemplar passar por uma ficção narrativa: encontram-se fábulas animais em coletâneas de *exempla*. Enfim, a predicação está longe de ter o monopólio do *exemplum* que se encontra em todos os tipos de obras didáticas. Não é um gênero literário, mas “a vala comum” de diversos gêneros literários para provar uma lição, segundo a expressão de Claude Bremond<sup>14</sup>.

## 5. O maravilhoso e as narrativas exemplares

### A viagem de São Brandão

Nas *Miscelâneas dedicadas a Jean Malaurie – 120 depoimentos em homenagem aos 40 anos de estudos árticos* (1990), Jacques Le Goff interessa-se no maravilhoso geográfico através da mais antiga versão da *Navegação de São Brandão*, datada do século X e que conheceu um grande sucesso atestado por numerosas versões latinas e traduções em vernáculo até o século XIV<sup>15</sup>. O santo abade Brandão, acompanhado de dezessete monges, faz uma viagem para chegar à ilha reservada por Deus aos santos no fim dos tempos. Eles navegam, então, sete anos e abordam todo tipo de ilha (das ovelhas, dos pássaros brancos, de Judas etc) antes de encontrar essa ilha dos santos, avatar do paraíso terrestre, da qual eles trazem frutos e pedras preciosas, antes de voltarem a seu monastério, onde Brandão não demora a morrer:

O clima da história é o clima do maravilhoso, ou seja, das realidades surpreendentes, escondidas da maioria dos homens, mas conformes à natureza, colocadas por Deus na natureza. Eu propus para essa categoria de seres e de coisas surpreendentes, que testemunham a diversidade e a riqueza da criação, a expressão “maravilhoso científico” que me parece conservar toda a ambiguidade, a de um “natural excepcional”, terrestre e divino ao mesmo tempo. Esse maravilhoso “científico” vincula-se, aqui, mais propriamente ao maravilhoso “geográfico”. Ele compreende terras impressionantes, monstros assustadores, curiosidades “naturais”: rochas, fontes, frutas, etc., deslumbrantes por seu tamanho ou suas propriedades. Esse maravilhoso é aqui apresentado no quadro de um gênero literário que conheceu com os celtas, os gregos, os romanos, os judeus e, enfim, os cristãos, uma grande moda no fim da Antiguidade e na Idade Média, a viagem no além.

[...] Ele misturou habilmente em sua narrativa elementos eruditos bíblicos e antigos com elementos de um folclore céltico que não se deve apressar a ser batizado “popular”, pois ele era, sem dúvidas, elaborado por contadores e por poetas “eruditos” cujo caráter “popular” se detinha apenas ao fato de usar o oral, não o escrito, e de se dirigir a grandes públicos.  
[...] Essa viagem é bem a expressão da mentalidade medieval, que não põe barreiras nem fossos entre o mundo “natural”, o mundo “visível”, e o mundo “invisível”.

Vê-se aí todo o interesse de Jacques Le Goff diante dessas narrativas “maravilhosas” que passaram, cedo ou tarde, à literatura exemplar.

### **O lazer imperial de Gervásio de Tillbury**

Um projeto de colaboração com Charles Joisten, conservador no museu Dauphinois em Grenoble, interrompido pela morte prematura desse “maravilhoso etnólogo” que ele tinha encontrado nos anos 1980<sup>16</sup>, levou Jacques Le Goff, em uma coletânea de miscelânea dedicada a Charles Joisten, a publicar elementos daquilo que deveria ser uma “coleta etnográfica no Dauphiné” destinada a comparar *mirabilia* retiradas das *Otia Imperialia* de Gervásio de Tilbury (1201) com coletas feitas por Charles Joisten. As *mirabilia* assim recolhidas e traduzidas do latim por Jacques Le Goff ultrapassam os limites do Dauphiné e incluem o sul dos Alpes, a Provença e uma parte da Ardèche<sup>17</sup>.

Proponho um pequeno *corpus* de *mirabilia*, de “maravilhas” concernentes ao Dauphiné, reunidas no início do século XIII por *Gervásio de Tilbury* em uma obra intitulada *Otia imperialia* (mais particularmente em sua terceira parte) – as *Ociosidades imperiais* –, coletânea composta para o lazer do imperador Oto IV de Brunswick, o vencido de Bouvines. [...] Gervásio de Tilbury faz parte de um grupo de letrados ingleses que pertenceram ao círculo do rei Henrique II e da rainha Alienor da Aquitânia e seu filho Henrique, o Jovem Rei, Ricardo Coração de Leão (1189-1199) e João Sem Terra (1199-1216) [...] Walter Map, Giraud de Barri, Ralph de Coggeshall.

Todos esses letrados são apaixonados pelas *mirabilia*, narrativas maravilhosas onde se entrecruzam história erudita, fábulas, narrativas tiradas do ouvi-dizer, etnohistoriadores *avant la lettre*, que parecem ter feito renascer por um tempo a feliz época da Antiguidade grega, quando, de Heródoto a Pausânias, história e etnografia não se distinguem. Suas obras são uma fonte de grande interesse para o conhecimento das relações entre cultura erudita e cultura popular na Idade Média, tradição escrita e oral, mitos, contos e lendas onde se mostram os processos de cristianização do fundo pagão e folclórico na Idade Média. São os grandes fornecedores da “matéria céltica” que transformam em alta literatura sobre o continente Chrétien de Troyes e seus continuadores.

[...] Como muitos autores medievais, Gervásio aparece como um compilador, o que não é pejorativo na época, pois a compilação medieval é uma das principais vias da pesquisa e da criação original.

[...] No entanto, ele parece algumas vezes hesitar entre uma explicação sobrenatural e uma explicação natural. Ele as apresenta uma após a outra sem escolher. Ele é etnólogo por sua curiosidade, seus métodos de pesquisa, seu cuidado de localizar, sua tendência a comparar

fenômenos análogos que aconteceram em lugares diferentes. Ele é historiador pelo seu cuidado de pôr tudo em perspectiva cronológica.

VI. *Lâmias, dracs e fantasmas (De lamiis, draics et phantasiis) (III, 85)*

As *lâmias* são mulheres que vêm às casas sequestrar as crianças de seus berços. Os *dracs* habitam cavernas no leito dos rios e atraem para lá mulheres e crianças tomando a forma de anéis de ouro. Eles tomam também a forma de homens e vão passear nas praças das cidades. Gervásio de Tilbury viu uma mulher que foi assim arrastada para o Rhone para lá amamentar o filho de um *drac* e lá ficou sete anos. Depois de seu retorno à terra, ela encontrou um *drac* na grande praça de Beaucaire. No Rhone, sob o rochedo do castelo de Tarascon, onde, na época de Santa Marta, escondia-se uma cobra que se chamava *tarasque*, vê-se e ouve-se falar dos *dracs* sob a forma de fantasmas à noite, à luz da lua (G.W.L. 987-988, F.L. 38-39).

VII. *As lâmiãs e as larvas noturnas (De lamiis et nocturnis larvis) (III, 86).*

As *lâmias* ou *máscaras* ou *stries* são, de acordo com os médicos, ilusões noturnas e, segundo santo Agostinho, demônios. Da mesma forma, as *larvas* entram à noite nas casas, trazem pesadelos aos que dormem, perturbam a ordem da casa e mudam de lugar as crianças pequenas. Foi o que aconteceu a Humberto, arcebispo de Arles, parente de Gervásio de Tilbury, quando ele era bebê. (G.W.L. 988-999, F.L. 39-41).

## 6. *Exempla* e narrativas breves

Em “Um discurso novo” (*História vivida do povo cristão*), Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt inserem a expansão dos *exempla* na dos gêneros narrativos breves, própria ao século XIII:

Nada de surpreendente se, em literatura, o século XIII for o grande século da renovação da retórica, daquilo que Paul Zumthor chama “o triunfo do discurso”. Um discurso que parece, com predileção, ser o da narrativa, o da narração, e mais particularmente das formas narrativas breves, o *exemplum*, o *fabliau*, o “dito”. Um discurso também que parece às vezes tornar-se louco, que cultiva o esoterismo e a falta de sentido. Assim, na segunda metade do século, na Picardia sobretudo, a *fatrasie*, de onde nascerá, por volta de 1300, o *fatras*.

[...] Mesmo um secular como Jacques de Vitry aconselha aos predicadores: “Deixemos aqui as palavras raras e refinadas, porque não devemos pensar apenas na educação das pessoas rudes e na instrução dos espíritos rústicos, devemos propor-lhes o mais frequentemente coisas concretas e palpáveis que eles conhecem de experiência”. Discurso horizontal que se destina aos “estados do mundo”, aos *status* reunidos diante do predicador, feita de raciocínio e de anedotas (os *exempla*) e que substitui o discurso das únicas autoridades (a Bíblia, os Pais) que, vinda de cima, descia majestosamente a escala das “ordens”. [...] Discurso que, às citações das “autoridades”, constituem o fundo do discurso tradicional, substitui a trilogia dos três argumentos do sermão: as autoridades (*auctoritates*), os pensamentos (*rationes*), as historietas exemplares (*exempla*). A Alain de Lille, que conhecia apenas os dois primeiros, as *Artes de pregar (Artes praedicatoris)*, que se multiplicam no século XIII para a instrução de novos

predicadores, acrescentam insistindo nos *exempla* mais facilmente retidos, que “passam” melhor que a lição e que despertam o público adormecido. Cezário de Heisterbach conta que um abade cisterciense, Gerardo, pregava a irmãos que dormitavam. Ele para e depois começa: “Era uma vez um rei que se chamava Arthur...”. Todos despertam. E Gerardo observa: “Quando eu falava de Deus vocês dormiam e, para escutar fábulas, vocês despertam”. Esse discurso novo é também cada vez mais um discurso em língua vulgar.

Michel Zink, deplorando que um tão pequeno número de sermões tenha chegado até nós, analisou perfeitamente o aumento da pregação em língua romana antes de 1300. Ao lado da pregação em vulgar, discurso de clérigos, de religiosos, o discurso leigo se faz ouvir cada vez mais: “A partir do século XVIII, o latim aparece em posição defensiva”, notou Philippe Wolff. Nos *exempla*, quando o predicador dá a palavra a uma personagem leiga, muito frequentemente, é a frase ou a palavra em língua vernácula que aflora, de que o latim não consegue dar conta. O italiano São Boaventura, pregando em Paris, pede desculpas a seu público por falar mal francês.

## 7. Os *exempla* do Purgatório (1981)

Em seu grande livro consagrado à gênese e à afirmação do purgatório, Jacques Le Goff insiste na importância das narrações na difusão de uma nova teologia. Ele sublinha, primeiro, a contribuição de Gregório, o Grande<sup>18</sup>:

Gregório, o Grande, em seu zelo de pastor, compreendeu duas exigências da psicologia coletiva dos fiéis: a necessidade de testemunhos autênticos, de testemunhas dignas de fé; a necessidade de se ter indicações da localização das penas purgatórias.

Sobre o primeiro ponto, as histórias de Gregório são tão importantes que serão o modelo das anedotas com a ajuda das quais a Igreja no século XIII difundirá a crença no purgatório, enfim existente e definido. Elas implicam a possibilidade de controle da veracidade da história: a designação de um informante digno de fé, as precisões de tempo e de lugar. Elas comportam, em seguida, um esquema suscetível de levar, em dois outros planos, à convicção: o atrativo de uma história com as seduções da narração, uma intriga, detalhes picantes, um “suspense”, um desenlace surpreendente; as evidências de um sobrenatural palpável: visão e verificação do cumprimento da ação eficaz dos vivos. [...]

Em outro capítulo, o 37º do Livro IV dos *Diálogos*, Gregório, o Grande, faz uma descrição não mais do Purgatório terrestre, mas do além. Um certo Etienne morre inesperadamente em Constantinopla e, esperando o embalsamento de seu corpo, passa uma noite sem sepultura, e sua alma é levada aos infernos onde visita vários lugares; mas, quando o apresentam a Satanás, este lhe diz que ele enganou-se de morto. É um outro Etienne, o ferreiro, que ele espera, e o primeiro Etienne volta à vida, ao passo que o ferreiro morre. Etienne morreu na epidemia de peste de 590. Um soldado ferido que ficou morto um instante depois se reanimou, visitou, por sua vez, por um breve instante, os infernos e fez uma descrição detalhada, que foi reportada a Gregório. Ele viu “uma ponte sob a qual corria um rio negro e sombrio que exalava uma fumaça de cheiro intolerável”; quando se cruzava a ponte, encontravam-se prados charmosos, flores, homens vestidos de branco caminhando em meio a um cheiro suave, casas cheias de luz, algumas construídas em ouro. Havia alguns habitáculos sob as margens do rio, alguns tocados pela nuvem fétida, outras protegidas do fedor. A ponte era uma provação: se um injusto a quisesse atravessar, ele caía no rio tenebroso e fétido, mas os justos atravessavam-na

sem entrave e chegavam aos lugares amenos. Etienne falara também dessa ponte e contara que, quando ele a quis atravessar, seu pé escorregou e ele caiu à metade. Horríveis homens negros, que surgiram do rio, puxaram-no para baixo pelas coxas, ao passo que, do alto, belos homens brancos puxaram-no pelos braços. Durante esse combate, ele acordou. Compreendeu o sentido de sua visão, pois, por um lado, ele sucumbia frequentemente às tentações da carne, mas, por outro, ele dava generosas esmolas; a lubricidade puxando-o para baixo; a beneficência, para cima. Desde então, ele corrigiu perfeitamente sua vida.

Essa descrição terá uma grande fortuna literária, mas igualmente iconográfica. Em seguida, Jacques Le Goff vira-se para os *exempla* do século XIII para compreender sua contribuição à doutrina do purgatório<sup>19</sup>:

O grande meio de difusão do Purgatório é o sermão e, no interior do sermão, as historietas usadas pelos predicadores para recheiar suas homilias e que transmitem a lição através da diversão da anedota. Esse recurso a uma forma narrativa curta é um dos principais meios pelos quais a Igreja põe ao sabor do dia seu apostolado, continuando em uma longa tradição. Nesse caso, essas anedotas edificantes, esses *exempla*, reconectam-se – apesar das notáveis diferenças – às histórias de Gregório, o Grande em seus *Diálogos*. Ora, essas histórias são, nós o sabemos, um marco essencial na estrada do Purgatório. O encontro decisivo no século XIII do Purgatório com o *exemplum* é o resultado estrondoso do roteiro que, seis séculos e meio antes, esboçara Gregório, o Grande. O sermão sempre teve um lugar importante no apostolado da Igreja, mas o século XIII é o século do renascimento do sermão, no interior de um discurso novo, mais direto, mais realista, do qual os irmãos mendicantes serão em breve os principais promotores. O sermão – e suas incrustações, os *exempla* – é o grande meio de comunicação de massa do século XIII, a mensagem recebida por todos os fiéis, mesmo se há alguns desertores da missa e, em particular, da homilia, mais frequentemente ratos de tavernas do que de igrejas. O sermão recheado de *exempla* não é apenas um momento esperado do ofício, ele se desenvolve à parte, nas igrejas ou nas praças, prefiguração da conferência e da reunião. Ao lado dos malabaristas, cujo público é sobretudo nobre, os predicadores da moda tornam-se os “ídolos” das multidões cristãs. Eles lhes mostram, eles lhes ensinam sobre o Purgatório.

Jacques Le Goff propõe, em seguida, traduções e análises dos *exempla* do cardeal-bispo Jacques de Vitry, do cisterciense Cesário de Heisterbach e do inquisidor dominicano Etienne de Bourbon, qualificados como “grandes vulgarizadores do Purgatório”.

## 8. Orientação de teses sobre os *exempla* e bancas de teses sobre os *exempla*

Jacques Le Goff participou, inicialmente, de bancas de teses consagradas aos *exempla* na Escola Nacional de Chartes. Em 1973, com André Vernet: Claire Stra, estudo de uma coletânea anônima de *exempla* – ms 35 da Biblioteca Municipal de Auxerre – compilação do final do século XII –; em 1977, com Félix Lecoy: Jacques Berlioz, *O Tractatus de diversis materiis predicabilibus de Etienne de Bourbon, Terceira parte: De dono scientie, estudo e*

edição, tese da Escola de Chartes, Paris, 1977, 4 vol., 967p.<sup>20</sup>. Em 1978, com F. Lecoy: Denise Ogilvie-Navid, *O Tractatus de diversis materiis predicabilibus de Etienne de Bourbon, Segunda parte: De dono pietatis*. Estudo e edição.

Em 1984, Jacques Le Goff participou com R. Fossier et J. Monfrin da banca da tese defendida na Universidade de Paris I – Panthéon-Sorbonne por J. Berlioz, *Edição crítica do Tractatus de diversis materiis predicabilibus do dominicano Etienne de Bourbon (morto por volta de 1261), terceira parte*, de dono scientie, tese preparada sob a orientação de Robert Fossier, 944 p. dactyl.<sup>21</sup>.

Em seguida, Jacques Le Goff participou de três teses sobre os *exempla* entre 1984 e 1933, editadas desde então<sup>22</sup>.

- Marie Anne Polo de Beaulieu, *Estudo e edição de uma coletânea de exempla do século XIV: A Scala Coeli de João Gobi, o jovem*. Paris: EHESS, 1984 (banca composta por Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt, Claude Bremond, Jean-Philippe Genet et André Vauchez)<sup>23</sup>.

- Colette Ribaucourt, *O Alphabetum narrationum, uma coletânea de exempla compilada no início do século XIV*, tese de terceiro ciclo, 1985 (banca composta por Jacques Le Goff, Jean-Claude Schmitt e André Vauchez)<sup>24</sup>.

- Rosa-Maria Dessia, *Escritura laica, pregação e confrarias em Florença no século XV. Sobre o manuscrito Riccardiano 2894 (1461-1466). Edição e estudo histórico*. Tese de doutorado “Novo regime” em história, sob a direção de Jacques Le Goff, Paris, EHESS, 1993 (banca composta por Jacques Le Goff, Carlo Delcorno, Geneviève Hasenohr et André Vauchez)<sup>25</sup>.

## 9. Arnaldo de Liège: classificar os *exempla*<sup>26</sup>

No Colóquio internacional do CNRS consagrado, em 1978, à “Lexicografia do latim medieval e suas relações com as pesquisas atuais sobre a civilização da Idade Média”, Jacques Le Goff apresentou e comentou uma lista impressionante das 550 rubricas alfabéticas do *Alphabetum narrationum* de Arnaldo de Liège (início do século XV). Jacques Le Goff pudera apreciar, durante suas pesquisas sobre o nascimento do purgatório, a riqueza dessa coletânea, cuja transcrição ele confiara à sua colaboradora, Colette Ribaucourt.

A lista de palavras-rubricas dá o *corpus* nocional de uma coletânea de *exempla* que se situa no apogeu do *exemplum* e que foi um dos mais utilizados, sendo o *exemplum* um produto cultural produzido em série e massivamente consumido (praticamente todos os fiéis são ouvintes de sermões).

Uma classificação de palavras-rubricas por frequência. A simples contagem é eloquente. Se pegarmos as 10 palavras preferidas *Demon* (77 *exempla*), *Mulier* (64), *Mors* (49), *Temptatio* (41), *Deceptio* (38), *Timor* (35), *Prelatus-Prelatio* (34), *Contemptus* (33), *Oratio* (33), *Penitencia* (33), nós vemos desenhar-se o sistema espiritual do *exemplum* e, através dele, do sermão: aquilo que Jean Delumeau chama um cristianismo do medo<sup>27</sup>, dominado pelo receio do diabo e de seu assecla, a mulher, da morte, da tentação e da enganação, onde a salvação só pode existir pelo desprezo do mundo, a oração e a penitência.

Dever-se-ia igualmente classificar essas palavras-rubricas em categorias que ficassem o mais próximo possível dos conceitos medievais e da mentalidade que eles revelam. Mas aqui começam as dificuldades.

Se é fácil classificar os santos e os ermitões (51 rubricas), as personagens históricas (14 rubricas), os animais (simbólicos) (21 rubricas), é delicado classificar os status sociais (onde se encontra o eco de uma literatura *ad status*), a vida cristã (onde emergem as obras de caridade), a vida moral (onde se afirma a oposição virtude-vícios). Notar-se-á a importância das categorias corpo/vida corporal (23 rubricas) e família (18 rubricas).

Assim, essa primeira fase muito simples de um trabalho, que será necessário enriquecer por desdobramentos tão inteiros quanto possível e que será completado por um método de análise estrutural dos *exempla* (mais ou menos preparada por Claude Bremond) e um estudo diacrônico dos *exempla*, valoriza as verdades simples, mas essenciais:

- 1) O interesse de abordar uma sociedade, uma cultura, uma mentalidade pelo estudo do vocabulário da época;
- 2) Os benefícios imediatos que se tira dos métodos quantitativos mais simples na área da história cultural e psicológica (livres, evidentemente, para refinar, em seguida, a análise);
- 3) A dificuldade de ajustar, a partir do vocabulário do passado, uma grade de categorização moderna no entanto necessária para que o estudo do vocabulário responda ao duplo objetivo da história: a compreensão do passado e o enriquecimento da ciência atual.

## 10. O usuário de Liège: um *exemplum* que se tornou livro<sup>28</sup>

Nas primeiras páginas da *Bolsa e a vida – Economia e religião na Idade Média*, publicado em Paris, em 1986, Jacques Le Goff traduziu um *exemplum* dos *Sermones vulgares* de Jacques de Vitry (morto aproximadamente em 1240), que ele apresenta como “um predicador ainda da cruzada, mas, sobretudo, um predicador da nova sociedade”:

Um outro usuário muito rico, começando a lutar na agonia, pôs-se a afligir-se, a sofrer, a implorar sua alma de não o deixar, pois ele a tinha preenchido, e prometia-lhe ouro e prata e as delícias deste mundo se quisesse ficar com ele. Mas que ela não lhe peça em seu favor nem um centavo nem uma mísera esmola para os pobres. Vendo enfim que ele não a poderia segurar, ficou furioso e, indignando, disse-lhe: “Eu lhe preparei uma boa residência com abundância de riqueza, mas você se tornou tão louca e miserável que você não quer descansar

nessa boa residência. Vá! Dedico-lhe a todos os demônios que estão no inferno. Pouco depois, ele entregou seu espírito nas mãos dos demônios e foi enterrado no inferno.

E Jacques Le Goff lembra que “o século XIII vê um grande renascimento da pregação. Confrontado aos heréticos [...], à evolução de um mundo que oferece aos cristãos cada vez mais prazeres terrestres, a Igreja escolhe falar. A uma sociedade em plena mutação, ela dirige um discurso frequentemente inédito e trata da vida quotidiana”.

## **11. O *exemplum* político de Felipe Augusto a São Luís**

### **Felipe Augusto**

Na ocasião do colóquio sobre “A França de Felipe Augusto”, organizado em 1980 pelo CNRS, Jacques Le Goff apresentou uma comunicação sobre “Felipe Augusto nos *exempla*”. Seguem alguns excertos:

A ideia deste modesto estudo me veio ao longo de uma pesquisa coletiva sobre os *exempla* feita no quadro do grupo de Antropologia histórica do Ocidente Medieval da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e mais particularmente à leitura de uma nota de Lecoy de la Marche em sua edição das Anedotas retiradas do *Tractatus de diversis materiis praedicabilibus*, composta pelo dominicano Etienne de Bourbon na metade do século XIII. O servidor e perspicaz erudito escrevia sobre um *exemplum* que contava um pouco de Felipe Augusto: “Este traço nos mostra que Felipe Augusto era um desses personagens de renome popular, e quase lendários, na conta dos quais a geração vinda depois deles põe deliberadamente todos os traços de espírito ou as historietas que aconteceram”.

Tive vontade de verificar a ideia de Lecoy de la Marche e de tentar, caso ela fosse bem comprovada, explicar essa popularidade de Felipe Augusto. Havia talvez ali, sob um aspecto aparentemente pequeno, a oportunidade de valorizar um momento da cultura e da mentalidade e de esclarecer os mecanismos da memória coletiva e do imaginário político.

Essa pesquisa limitada foi feita a partir da investigação da EHESS da obra de J. Th. Welter, *O exemplum na literatura religiosa e didática da Idade Média* (1927) e, acessoriamente, do *Index exemplorum* de F. C. Tubach (1969).

O *corpus* de *exempla* reunido foi retirado de coletâneas de *exempla* em latim, escalonando-se no século que seguiu à morte de Felipe Augusto, de 1220 a 1330 aproximadamente: o *Tractatus de diversis materiis praedicabilibus* do dominicano Etienne de Bourbon, morto em 1261, a *Compilacio singularis exemplorum*, redigida por um dominicano francês entre 1270 e 1297, a *Tabula exemplorum secundum ordinem alphabeti*, composta por um franciscano francês por volta de 1277, o manuscrito 35 da Biblioteca Municipal de Auxerre, obra de um franciscano inglês, da corrente dos Espirituais, entre 1279 e 1292, o *Alphabetum narrationum* do dominicano Arnolde de Liège (primeira década do século

mye [sic], e o *Liber ad status* do manuscrito latino 6368 da Biblioteca Nacional de Paris.

A primeira “conclusão” é que Felipe Augusto continua pelo período considerado o rei da França mais frequentemente mencionado nas coletâneas de *exempla*. Mesmo São Luís, antes e depois de sua canonização, não está, no momento atual de nossa pesquisa, tão presente nos *exempla* quanto seu avô. Identifiquei apenas um *exemplum* do qual Luís VI é o herói, herói pouco glorioso, aliás, uma vez que se vê o rei da França fugir diante do rei da Inglaterra. Tubach recensou apenas 4 *exempla* dos quais o protagonista era Luís VII. Na outra extremidade cronológica, Felipe, o Belo, não aparece ter inspirado a literatura de *exempla*. É verdade que no século XIV, se o *exemplum* ainda é muito vivo, os heróis e os personagens históricos novos são raramente incorporados.

Do mesmo modo, os outros soberanos que aparecem nos *exempla*, se colocarmos à parte os soberanos antigos e os carolíngios, são os reis da Inglaterra Henrique II, Ricardo coração de Leão, Henrique III e Eduardo I, os imperadores Frederico Barba Roxa e Frederico II, mais discretamente Felipe de Souabe e Oto IV de Brunswick. Felipe Augusto beneficiou-se, então, de ter vivido no momento onde o *exemplum* propriamente dito, narrativa breve (em geral destinado a ser inserido em um sermão, e, precisamente no final do século XII, inaugura uma grande época de nova predicação) feito para persuadir de uma verdade religiosa e moral e inspirar um comportamento conforme a essa verdade, aflora plenamente. Em contrapartida, esse *exemplum* medieval afastou-se definitivamente do *exemplum* antigo ou cristão antigo, que oferecia uma personagem de exemplo ou modelo para fazer da própria narrativa e de sua moral o *exemplo* a meditar. As personagens da narrativa são apenas os heróis no sentido do conto popular e de Propp, reduzidos a funções abstratas.

Eis que emerge um novo tipo de *exempla*: o *exemplum* político:

O segundo *exemplum* político é também muito interessante. Ele se encontra no manuscrito 35 de Auxerre (Welter, p. 302) e na *Tabula exemplorum*, na rubrica *praelatus*. Felipe Augusto declarando que não há mais, em sua época, cavaleiros como Rolando e Olivier, o malabar Hugo, o negro, um dos ídolos da época, replica que tampouco existe Carlos Magno. Essa anedota parece-me típica da forma como a realeza é, na virada do século XII para o XIII, na área da cultura, tratada pela Igreja e pela aristocracia que, reconhecendo seu lugar iminente e útil se ela as escuta, não perdem uma oportunidade de rebater sua *superbia* e humilhá-lo. A lição dada a Felipe Augusto junta-se à imagem da monarquia ao mesmo tempo respeitada e caçoada que dá a “grande” literatura da época: Carlos Magno ou Luís, o Piedoso das canções de gesta, o rei Artur dos romances cortesões.

[...] Apesar da promoção pessoal pelo *exemplum* de Felipe Augusto dos *exempla* ainda é apenas um modelo étnico-religioso concreto, mas estereotipado. Esses *exempla* não nos fornecem a imagem do rei, mas, em seu nome, alguns traços da função real tal como imaginada no século XIII.

## São Luís

Em *Apetite da História*, ensaio de ego-história publicado em 1987, Jacques Le Goff evoca seu projeto de biografia de São Luís<sup>29</sup>:

Eu me engajei no caminho difícil de uma biografia de São Luís que pretendia ser um estudo da produção de uma memória real, daquilo que seus contemporâneos acharam

de “memorável” em Luis IX, e da possibilidade de se chegar ao conhecimento do indivíduo (colocando-se no melhor caso possível: um rei e um santo) para o século XIII. E dever-se-á propor, a final de contas, um retrato e uma vida de São Luís tais como os reclama um leitor de hoje, atendo-se aos elementos fornecidos por uma documentação cientificamente criticada. Somente uma biografia lacunar onde serão marcados os buracos provenientes, seja de uma possível parte de documentos, seja, mais frequentemente, da diferença de mentalidades entre os homens do século XIII e os de hoje, estes últimos não experimentando a necessidade de falar daquilo por que se interessam os primeiros, poderá responder a esse diálogo entre o passado e o presente que deve ser uma obra histórica.

Em “São Luís e o discurso real”<sup>30</sup>, publicado em 1988, Jacques Le Goff mostra que o futuro São Luís contava ele próprio *exempla* para exortar seus próximos à virtude ou para transmitir uma mensagem da doutrina cristã<sup>31</sup>.

O discurso de São Luís é, pois, moral e instrutor, nesse século didático e moralizador. Ele é pregador, nesse século da pregação, e na boca de um rei rodeado de predicadores, dominicanos e franciscanos principalmente. Ele prega por *exempla*, nesse século onde o *exemplum*, anedota incrustada nos sermões, pulula. Ele é devoto da nova moda, exprimindo-se na oração e mais ainda na confissão. Ele é justiceiro, o rei exercendo ele mesmo pelo discurso o dever real, fazer justiça, ou delegando-o a representantes bem formados e monitorados. Ele é também – sendo a paz, junto com a justiça, o outro grande ideal real – tranquilizante, exprimindo-se nas arbitragens feitas pelo rei. Ele é moderado, como é normal para um rei tomado pela medida, que queria substituir o ideal de desmedida dos valentes pelo de moderação do sábio. Mas ele é também repressão do discurso mau, do xingador, do blasfemo.

O discurso real, no estado direto, exerce-se essencialmente no interior de um pequeno grupo de familiares, de interlocutores habituais do rei, convidados pelo rei a lhe responder, mas no qual o rei tem a iniciativa da palavra. Esse grupo, do qual a conversação real é, ao mesmo tempo, o centro, o lugar e a função, tem, no governo do rei no tempo de São Luís, um papel muito negligenciado pelos historiadores. Ele é distinto da *cúria*, órgão feudal dos conselheiros do rei. Ele está, de um lado, no espaço íntimo do rei e, do outro, no seu espaço público (p. 131).

[...]

Joinville nunca está tão feliz como quando ele reporta esse discurso do rei como se dirigindo exclusivamente a ele em um tipo de aparte. Assim: “ele me chamou uma vez e disse-me: ‘Não ousei lhe falar, de sentidos sutis como você é, de coisa que concerne a Deus e, para isso, chamei esses dois irmãos, pois quero fazer-lhe um pedido’. O pedido foi o seguinte: ‘Senescal, disse ele, o que é Deus?’ E eu lhe disse: ‘Senhor, é uma coisa tão boa que melhor não pode ser’. ‘É verdade, disse ele, respondeu bem, pois a resposta que você deu está neste livro que tenho nas mãos’.

Ora, pergunto-lhes, disse ele, o que você preferiria: ser leproso ou ter cometido um pecado mortal?’ E eu, que nunca menti, respondi-lhe que preferia ter cometido trinta pecados mortais a ser leproso. Quando os irmãos partiram, ele me chamou sozinho, fez-me sentar-me a seus pés e disse-me: ‘Como me disse isso ontem?’ E eu disse-lhe que ainda o diria. Disse-me ele: “Você falou como um ocioso apressado (tonto que fala sem pensar)”.

Um grupo de um discurso ainda mais íntimo é o dos filhos do rei: “Antes que se deitassem em suas camas, ele chamava seus filhos a sua frente e contava-lhes os feitos

dos bons reis e dos bons imperadores, e dizia-lhes que eles deveriam seguir o exemplo dessas pessoas”.

Esse discurso é didático, moral. A palavra que vem ao espírito de Joinville é *ensinar*, *ensinamento*. O rei tem um discurso próximo do dos irmãos mendicantes que o circundam<sup>32</sup>, instrutora e pregadora. Não acredito que ele jamais tenha pensado seriamente, apesar do que diz seu confessor, Godofredo de Beaulieu, em virar dominicano ou franciscano. Mas, do ponto de vista do discurso tornado justamente mais próximo, mais simples pelos irmãos mendicantes, ele avança tão longe quanto um leigo pode avançar.

Em sua volumosa biografia consagrada a São Luís e publicada em 1996, Jacques Le Goff dedica um capítulo inteiro (p. 363-387) às narrativas exemplares: “O rei dos *exempla*”, no interior de uma parte consagrada à “Produção da memória real”. J. Le Goff relembra sua própria definição de *exemplum*, que ele coloca no contexto de uma recepção específica nesse contexto biográfico e real (p. 364-365):

No entanto, como as *Vidas* de santos e dos grandes personagens tendem a ser compostas como terços de anedotas edificantes e, mais particularmente, de milagres (mas os milagres devem ser expressamente distinguidos dos *exempla* e formam um gênero completamente distinto), o coletor de *exempla* ou o predicador foram algumas vezes tentados a transferir um pedaço de *vita* ao estatuto de *exemplum*. E a tentação pode ser maior se o herói da *vita* for um personagem de prestígio. Há, nesse caso, um deslizamento do *exemplum*, que põe em cena um cristão anônimo e qualquer, em direção a um *exemplum* heroico ou pessoal. Acreditou-se, inclusive, poder definir um *exemplum* “biográfico”: ele teria como origem uma *vita* e “calcaria sua estrutura sobre aquela da *vita* de origem”, mas a anedota seria retirada da biografia do personagem histórico.

Acrescente-se que o *exemplum*, recorrendo frequentemente a *exemplos* negativos para retirar o cristão do pecado, os personagens históricos que melhor podem permitir *exempla* são os maus. [...] Se São Luís, por suas virtudes e pelas anedotas edificantes que correm a seu respeito, é um fornecedor em potencial de *exempla*, ele se encontra, paradoxalmente, pela sua santidade mesmo, suspeito, em seguida oficialmente sancionado, ser um mal herói de *exempla*. Julgado santo, ele não demonstra as condutas condenáveis que poderiam ser dadas negativamente em “exemplo”. Tornado santo, ele escapa do gênero para ser limitado às “Vidas” e aos milagres.

Citaremos apenas um *exemplum* comentado por Jacques Le Goff (p. 367-369), retirado do tratado de Etienne de Bourbon<sup>33</sup>:

O rei da França estava doente até a morte, desenganado pelos médicos. Pediu para que o colocassem sobre as cinzas, chamou todos os que lá se encontravam e disse-lhes: “Vejam! Eu que era o mais rico e o mais nobre senhor do universo, eu que era mais poderoso que todos os outros homens, que os dominava pela posição, pela fortuna, pelo número de amigos, não posso sequer extorquir da morte um mínimo de atraso, nem da doença uma só hora de trégua! O que valem então todas essas coisas?” Escutando-o falar assim, os assistentes soluçavam. Mas, apesar do que se esperava, o Senhor o curou

no momento em que ele se acreditou já morto. Levantou-se, deu graças a Deus e, em seguida, pegou a cruz.

Esse *exemplum* ilustra o sétimo “título” do primeiro livro que trata do dom do temor (*De dono timoris*) e, mais particularmente, a nona das razões pelas quais um cristão deve temer a morte, a saber, o fato de ser presa de uma doença muito grave.

A partir de um fato histórico real – a doença e o voto de cruzada de São Luís –, o autor do exemplo aproveita para introduzir de novo um lugar comum, um *topos*, a impotência do poderoso e do rico diante da morte. Esse discurso, como a precisão segundo a qual São Luís ter-se-ia colocado sob um leito de cinzas, não se encontram em nenhum outro depoimento desse episódio. Lecoy de la Marche vê nisso “novos detalhes” “reportados em primeira mão”. Não é impossível. Vejo mais uma invenção forjada ou simplesmente recolhida pelo autor que aproveita dela – na lógica da ideologia do *exemplum*, fora de toda autenticidade histórica – para introduzir uma alusão a uma prática habitual dos grandes personagens: o depósito do corpo *in articulo mortis* sobre um leito de cinzas como penitência *in extremis*, e para utilizar um *topos* tradicional desde a Antiguidade. Meu ceticismo quanto à verdade histórica do discurso de São Luís não vem apenas da banalidade desse lugar comum, mas porque a ideia e a formulação parecem-me muito distantes do que sabemos do pensamento e do vocabulário do rei. A alusão excessiva a seu poder e a sua riqueza, a personificação da morte e a ausência de qualquer referência cristã levam-me a considerar esse discurso como apócrifo. Mais uma vez, um fato conhecido, a doença e a tomada da cruz de São Luís, servem para dar um falso ar autêntico a uma simples encenação histórica de um lugar comum. Etienne de Bourbon não se preocupa com o que São Luís “realmente disse”, mas com o que ele poderia ter dito conforme a vontade didática e a cultura clássica do dominicano. São Luís não está mais nesse *exemplum* que no precedente. Essas anedotas são apenas subprodutos da imagem precocemente estereotipada do futuro santo rei.

## **12. *Exempla* e estudos sociais: judeus na cidade de Roma**

Jacques Le Goff considerou os *exempla* fontes pertinentes (evidentemente cruzadas com outras fontes) para a história social<sup>34</sup>. Virou-se majoritariamente em direção às coletâneas latinas (mais numerosas), sem negligenciar, entretanto, as coletâneas escritas em língua vernácula, como o *Ci nous dit*.

### **Os judeus nos *exempla* do *Alphabetum narrationum***

Em 1980, nas *Miscelâneas* Léon Poliakov, grande historiador do antisemitismo (e morto em 1997), J. Le Goff toma uma coletânea que ele conhece bem, *o Alphabetum narrationum*, do dominicano Arnaldo de Liége para ver como é tratada ali a figura do judeu<sup>35</sup>. Ele dá, inicialmente, o resumo dos *exempla* que interessam aos judeus:

Pode-se esperar ter uma imagem mais cotidiana, mais concreta dos judeus na mentalidade cristã medieval estudando-se um tipo de documento particularmente interessante: os *exempla*. O *exemplum* medieval é uma anedota edificante destinada, mais frequentemente, ao uso dos predicadores que arrastam *exempla* para dentro de seus sermões para melhor fazerem seus ouvintes assimilar uma lição salutar. Trata-se, pois, de um produto ideológico de grande consumo. Vindo da Antiguidade, onde era principalmente empregado pelos oradores e nos processos, profundamente modificado pelo cristianismo, o *exemplum* toma formas novas e conhece um imenso sucesso a partir do final do século XII no quadro de uma predicação de tipo novo, do qual as ordens mendicantes são os atores principais. 2. O grande século do *exemplum* é o século XIII. Paralelamente – e seria interessante de estudá-lo conjuntamente –, as narrativas análogas desenvolvem-se na literatura rabínica.

O século XIII, sendo, aliás, uma época de mutações profundas nas relações entre judeus e cristãos 4, o grande período de rejeição das comunidades judaicas pela Cristandade, pode ser interessante pesquisar qual imagem do judeu é proposta ela Igreja aos cristãos nesse gênero de objetivo concreto e de grande difusão que era o *exemplum*.

1-N. 411 (*Judeus*). Judeus que esperavam o messias são enganados por um clérigo.

Um clérigo de Limoges engravidara a filha de um judeu. Esse clérigo, uma noite, soprando uma cana próximo à parede do quarto dos pais da moça para imitar uma voz sobrenatural, fez-lhes acreditar que ela parirá o messias. Na presença de uma multidão de judeus, a moça dá, dolorosamente, à luz uma garotinha. Os judeus ficam confusos, e um deles esmaga o recém-nascido contra uma parede.

2- N. 207 (*Contritio*). A contrição perfeita libera da confusão daqui debaixo.

Na Inglaterra, um cônego aparentado do bispo do lugar, seduz a filha de um judeu. A moça, muito supervisionada por seu pai, pode passar apenas a noite de sexta-feira santa com o cônego. Mas, de manhã, o pai os encontra deitados juntos. Apenas o medo do bispo o impede de matar o cônego. Com um grupo de judeus, o pai penetra a igreja onde o bispo celebra a missa para queixar-se de seu parente que participa do ofício. O jovem cônego, tremendo, reza a Deus para que o salve desse perigo e promete-lhe fazer penitência. Os judeus, por milagre, ficam mudos. O bispo expulsa-os da igreja. O cônego se confessa ao bispo e entra para ordem cisterciense, do mesmo modo que a moça, que foi batizada.

3- N. 227 (*Crux*). Um crucifixo é machucado pelos judeus.

Na época de Constantino IV, em Beirute, na Síria, judeus ultrajam, como se passara com Cristo em sua Paixão, um crucifixo deixado por um cristão na casa de um judeu. O sangue colhido da ferida feita na imagem do Cristo cura todos os doentes que com

ele são aspergidos. Os judeus, impressionados, levam o crucifixo ao bispo da cidade e pedem para ser batizados. O sangue do crucifixo realizou vários milagres.

4- N. 228 (*Crux*). O sinal da cruz tem um grande poder mesmo para os infiéis.

André, bispo de Fundi, vivia em coabitação com uma monja. Um judeu em viagem refugia-se à noite em um templo de Apolo com uma cruz como proteção. No meio da noite, uma assembleia de demônios acontece nesse templo. Um deles conta a maneira pela qual ele enfeitiçou o bispo. O príncipe dos demônios ordena-lhe de ultimar sua obra e comanda a um grupo de demônios a investigar a identidade do dormente. Vendo o homem protegido pela cruz, eles se lamentam e a tropa se dissipa. O judeu conta tudo ao bispo, que afasta de si toda presença feminina e batiza o judeu.

5- N. 313 (*Eucharistia*). A eucaristia tomada por um infiel protege-o do fogo.

Uma criança, filha de judeus, que entrara com seus amigos em uma igreja consagrada à Virgem, toma com eles a eucaristia. O pai, ao ficar sabendo do que acontecera, joga-o no fogo ardente. A mãe, perturbada, chama socorro. Cristãos vêm combater o fogo e encontram a criança incólume. Eles jogam o pai no fogo, e ele é imediatamente consumido. A criança conta que a Virgem o protegeu com seu manto contra o fogo. A criança, a mãe e muitos judeus converteram-se.

Em seguida, Jacques Le Goff comenta essas histórias:

Inicialmente, é assustador que os judeus – mesmo nesses *exempla* que, direta ou indiretamente, saem da rubrica Judeu – não são os verdadeiros temas do *exemplum*, mas são os cristãos os verdadeiros protagonistas. [...] Indiferença, então, no fundo, ao destino dos judeus nessas histórias. O essencial para os predicadores cristãos é que, graças aos judeus, mas a seus corpos resguardados, as vias da salvação cristã são postas em evidência.

[...]

É interessante examinar os conceitos com os quais os *exempla* consagrados aos judeus colocam o conceito de judeu em relação. O conjunto desses conceitos se decompõe em dois sub-conjuntos. Um negativo, que compreende as principais encarnações do mal: demônio, enganação, mulheres, tentação da carne, amizade ou amor maus, com uma tônica sobre o mal feminino e o mal sexual. É o lado do judeu. O outro, positivo, alia o clérigo, a contrição, a conversão, o crucifixo, a eucaristia e a Virgem, ou seja, os inimigos, os antídotos ou os domesticadores do judeu [...].

Deve-se, em seguida, observar que, entre judeus e cristãos, nesses *exempla*, o enfrentamento (ou a cumplicidade nos casos de relações sexuais entre um cristão ou uma judia) não se limita ao plano individual, mas compromete as comunidades de um contra a de outro, e onde aparece, sobretudo, a solidariedade das comunidades judaicas [...]

É, então, não apenas normal, mas justo e recomendável, enganar esses indivíduos do erro, de fazer deles as vítimas de uma *deceptio* e de mergulhá-los na vergonha de ter que confessar o erro no qual eles vivem, de jogá-los na *confusio* [...]. Se penetramos mais adiante na análise da imagem do judeu que nos oferecem esse textos, vemos

aparecer a imagem do judeu impuro, profanador do espaço sagrado da cristandade. [...] Definitivamente, esses textos parecem-me característicos não apenas da atitude fundamental da Igreja perante os judeus, mas também de um momento da história das relações entre judeus e cristãos, característica desse século XIII em que o antijudaísmo cristão está tombando na direção do antissemitismo. [...]

Sem dúvida, é por causa desse horizonte de conversão que os judeus são vilipendiados em nossos *exempla*, mas aparecem neles mais infelizes e ridículos que verdadeiramente odiosos. Arnaldo de Liége até repescou, se ousou dizer, o judeu com o sinal da cruz de Gregório, o Grande, cristão que se ignora. Se os judeus propostos pelos predicadores aos públicos cristãos são caças para o batismo, não se deve denegri-los muito. O batismo pode salvar os perdidos, os ignorantes, mas não os demônios. Mas, por trás dessa vontade de poupar uma imagem do judeu salvável, entram em ação as imagens, as mentalidades, as práticas de uma cristandade que, diante do fracasso da conversão e do afastamento do horizonte escatológico, terá uma documentação toda pronta para passar da polêmica ao confinamento e à perseguição violenta.

### **Roma no *Ci nous dit***

Para o volume *Alla signorina. Miscelâneas oferecidas a Noëlle de la Blanchardière*, publicado em 199 [sic], dedicado àquela que foi, durante trinta e cinco anos, diretora da biblioteca da Escola Francesa de Roma, Jacques Le Goff analisa a imagem de Roma no *Ci nous dit*, coletânea anônima de narrativas exemplares em francês antigo, composta entre 1313 e 1330. Ele lembra imediatamente a heterogeneidade dos materiais constitutivos dessa coletânea original, que possui mais de um título:

[...] ela se apresenta como um tratado de instrução religiosa popular, mistura de uma bíblia moralizada, um doutrinal e uma coletânea de *exempla*. É escrita em língua vulgar, em “francês”, segundo a convincente conjectura de Blangez, “para um público de leigos talvez não muito cultos, mas tendo clérigos sob sua autoridade”. Constitui “um somatório de ideias de bom senso, axiomas recebidos, com lendas, fábulas e anedotas que lhe servem de veículo popular” e, ainda segundo Blangez, “mais próximo do senso comum que as obras ditas literárias, mas também mais representativa do pensamento de todo um povo, é essa veia que trará a La Fontaine o melhor do seu pensamento e sua expressão”.

O *Ci nous dit* constitui, então, um documento de primeira ordem para o conhecimento da cultura e do imaginário de uma larga parte da sociedade – ao menos no norte da França – no início do século XIV. [...]

O essencial dos milagres, historietas, anedotas contadas nos 781 capítulos em geral breves do *Ci nous dit* sendo de *exempla*, o autor dá, certo número de vezes, o nome do lugar ao qual pertence o herói ou a heroína da narrativa, que é, na maior parte das vezes, o lugar onde se passa a história. Os coletores e os utilizadores de *exempla*, estando geralmente preocupados em convencer seus ouvintes ou leitores da autenticidade histórica do evento contado, o nome do lugar é um dos procedimentos de autenticação da história.

[...] Mas, quase sempre vindas de tradições distantes, as histórias moralizantes contadas no *Ci nous dit* mostram delas apenas o que era a imagem de Roma na cultura e no imaginário de um moralista cristão de nível médio no início do século XIV.

O capítulo 13 conta “o prodígio da ave branca”. “Um imperador de Roma” e sua esposa preocupam-se com a sucessão imperial, pois não têm filhos. Uma águia deixa cair do céu entre eles uma ave branca, que tinha em seu bico um ramo de louro”. Ele é plantado e um de seus ramos é dado aos cavaleiros valentes e vitoriosos. A águia “significa” Deus Pai; a ave branca, a Virgem Maria; e o louro, Jesus Cristo, verdadeiro campeão vencedor para a humanidade, que ele defende do “inimigo” (o diabo). Parece-me que essa história significa que a sucessão do Império Romano é o cristianismo e que os cavaleiros cristãos são os verdadeiros sucessores dos cavaleiros romanos antigos.

A análise dos *exempla* do *Ci nous dit* que evocam Roma leva Jacques Le Goff a essa conclusão:

[...] Esse chefe da cristandade que é Roma é também uma cidade “maravilhosa”. Da Antiguidade pagã ao cristianismo, é um lugar de maravilhas, um desses altos lugares do imaginário urbano que faz sonhar os cristãos, sobretudo a partir do século XII. Ela é rica dos três elementos desse imaginário: o milagroso, o propriamente maravilhoso, o mágico. Deus, a engenhosidade da natureza e dos homens, o diabo são ornados de monumentos, de lugares, de lembranças, sejam sobrenaturais, seja, de todas as formas, extraordinário. O capítulo 211 mostra bem como se pode ter, ao mesmo tempo, continuidade e ausência de fronteira entre essas diferentes maravilhas.

[...] O *Ci nous dit* faz, em vários momentos, alusão a esses lugares essenciais da imagem urbana, das realidades, simultaneamente, materiais e simbólicas da cidade: as portas que determinam o interior e exterior [...].

Esse imaginário de Roma formiga de erros históricos, de invenções e de anacronismos. Um desses anacronismos consiste na evocação de uma devoção precoce à Virgem em Roma.

[...] É que o autor do *Ci nous dit* denuncia também um outro movimento capital (e negativo) da história da humanidade cristã, a deriva, o afastamento da Igreja e da corte pontifical romana dos valores primitivos do cristianismo, a humildade e a pobreza.

[...] O autor do *Ci nous dit*, respeitoso da autoridade romana fundada por Deus, os apóstolos e os mártires, pertence à corrente crítica da cúria pontifical e do enriquecimento da Igreja.

### 13. Ego-história...

Para terminar, voltemos ao fascículo do *Exemplum*. Em *Apetite da história* (p. 229), Jacques Le Goff evoca a colaboração que esteve na fonte do fascículo da Tipologia da Fontes:

Nos sermões, encontro historietas, anedotas edificantes que povoam a literatura universal narrativa, divertimento e edificação, o *Panchatantra* indiano, a literatura

judaica rabínica, *As mil e uma noites*, os famosos contos tipo de Antti Aarne, os sermões medievais também: os *exempla*. Assim, desemboco na cultura “popular”.

[...]

Tenho a chance, ao longo dessas pesquisas, de abrir um diálogo com três etnólogos de classe, Jean-Michel Guilcher, o analista agudo e erudito da dança popular; Donatien Laurent, especialista da cultura celta, que prova a autenticidade fundamental do *Barzaz Breiz* de Hersant de la Villemarqué; Marie-Louise Tenèze, que continua inteligente e sabiamente o grande catálogo do *Conto popular francês* de Paul Delarue. Sinto-me mais bem armado graças a eles para abordar o estudo desses *exempla* com Jean-Claude Schmitt e um pequeno grupo de pesquisa. A leitura de Propp convenceu-nos de que uma análise estrutural é necessária para levar a cabo essa reflexão. Encontramos em nosso colega de Altos Estudos, Claude Bremond, autor da *Lógica da narrativa* (1973), a parceria ideal. Lembro-me da alegria dessas sessões de trabalho em comum, de onde sairá um instrumento de trabalho, um fascículo sobre *O exemplum* e, em breve, obra de jovens pesquisadores de grande qualidade, a edição de algumas das grandes coletâneas medievais, mina de fontes e de citações para todo um pão da literatura.

Jacques Le Goff abriu, então, aí, um canteiro de fôlego: a edição e a análise dos *exempla* medievais. E ele não deixou de mencionar essas edições que encontrarão uma recepção favorável na editora Brepols. A coleção do *Corpus christianorum – Continuatio mediaevalis* abriu, com efeito, uma sub-coleção, *Exempla Medii Aevi*, dirigida por Jean-Claude Schmitt, Jacques Berlioz e Marie Anne Polo de Beaulieu e que publicou, segundo os projetos de Jacques Le Goff, “algumas das grandes coletâneas medievais”. O grande medievalista pensava essencialmente então nas coletâneas dominicanas: o *Tractatus de diversis materiis praedicabilibus*, de Etienne de Bourbon; o *De dono Timoris*, de Humberto de Romans<sup>36</sup>; e o *Alphabetum narrationum* de Arnolde de Liège. Ora, essa coleção recebeu igualmente coletâneas cistercienses, das quais ele sublinhara a influência sobre as coletâneas mendicantes: o *Collectaneum exemplorum ac visionum clarevallense*, do prior João de Claraval; a *Collectio exemplorum cistercienses* e, proximamente, o *Liber miraculorum*, de Herbert de Claraval<sup>37</sup>.

## Bibliografia

- Berlioz, J., « Les recherches en France sur les exempla médiévaux, 1968-1988 », dans Exempel und Exempelsammlungen, dir. Walter Haug und Burghart Wachinger, Tübingen : Max Niemeyer Verlag (Fortuna vitrea, Arbeiten zur literarischen Tradition zwischen dem 13. und 16. Jahrhundert, 2), 1991, p. 288-317.
- Berlioz, J., Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus. Prologus. Prima pars de dono timoris*, cura et studio Jacques Berlioz et Jean-Luc Eichenlaub, Turnhout : Brepols Publishers, 2002 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124 ; Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus. Tertia pars de dono scientie*, cura et studio Jacques Berlioz, Turnhout : Brepols Publishers, 2006 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124B – Exempla Medii Aevi, t.III). ; – Exempla Medii Aevi, t. I) ; Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus : Secunda pars de dono pietatis* cura et studio Jacques Berlioz, Denise Ogilvie-David et Colette Ribaucourt, Turnhout : Brepols Publishers, 2015 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124A – Exempla Medii Aevi, t. VII), XXVIII-690 pages.
- Berlioz J., Polo de Beaulieu, M. A., *Collectio exemplorum cisterciensis in codice Parisiensi 15912 asseruata*, Turnhout, Brepols (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 243 – Exempla Medii Aevi, t. V), 2012.
- Boyer, Christine (éd.), Humberti de Romanis, *De Dono timoris*, Brepols, (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis, 218 – Exempla Medii Aevi, t. IV), 2008.
- Bremont, Claude, « *L'exemplum médiéval est-il un genre littéraire ? : nouvelles perspectives* », dans Jacques Berlioz, Marie-Anne Polo de Beaulieu, *Les exempla médiévaux*, Paris, Honoré Champion, coll. « Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge » (n° 47), 1998, p. 21-28.
- Brilli, Elisa (éd.), Arnoldus Leodiensis, *Alphabetum narrationum*, éd. par E. Brilli, Brepols, Turnhout (Corpus Christianorum Continuatio mediaevalis, 160 – Exempla Medii Aevi, t. VI), 2015 : *e schedis* † Coletae Ribaucourt et auxilium praestantibus J. Berlioz et M. A. Polo de Beaulieu.
- Delumeau, Jean, *La peur en Occident du XIV<sup>e</sup> au XVIII<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1978.
- Dessi, Rosa-Maria, « *Exempla et pratiques sociales à la fin du Moyen Age. A propos de l'usage des exempla dans les confréries (Italie, XV<sup>e</sup> siècle)* », dans J. Berlioz et M.A. Polo de Beaulieu (dir.), *Les Exempla médiévaux : nouvelles perspectives*, Paris, Champion, 1998, p. 309-330.
- Legendre, Olivier (éd.), *Collectaneum exemplorum ac visionum clarevallense*, Brepols, (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis, 208 – Exempla Medii Aevi, t. II), 2005.
- Le Goff, Jacques « *L'exemplum et la rhétorique de la prédication aux XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles* », Colloque de l'Associazione per il Medioevo e l'Umanesimo latini consacré à *Retorica e Poetica trai i secoli XII e XIV*, 1985, p. 3-28.
- Le Goff, Jacques, *Introduction*, dans J. Berlioz et M. A Polo de Beaulieu (dir.), *Les exempla médiévaux : nouvelles perspectives*, Paris, Champion, (Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge, 47), 1998, p. 11-17 ;
- Le Goff, Jacques, Bremont Claude et Schmitt Jean-Claude, Avant-propos de *Les exempla médiévaux : introduction à la recherche suivie des tables critiques de l'Index exemplorum de Frederic C. Tubach* (sous la direction de Jacques Berlioz et Marie Anne Polo de Beaulieu), Carcassonne, GARAE, Hésiode, 1992.
- Le Goff, Jacques, « *Le merveilleux nordique médiéval* », dans *Mélanges dédiés à Jean Malaurie (120 témoignages en hommage à 40 ans d'études arctiques)*, Paris, Plon, 1990, p. 21-27.
- Le Goff, Jacques, « *Une collecte ethnographique en Dauphiné au début du XIII<sup>e</sup> siècle* » dans *Le Monde Alpin et Rhodanien*, n. 1-4, 1982, p. 55-65.
- Le Goff, Jacques, *La naissance du Purgatoire*, Paris, Gallimard, 1981, p. 127-130.

- Le Goff, Jacques, « Vita et pre-exemplum dans le 2<sup>e</sup> livre des *Dialogues* de Grégoire le Grand », dans *Hagiographie, culture et société IVe-XIIe siècles*, Paris, 1981, p. 105-120.
- Le Goff, Jacques, « Le vocabulaire des *exempla* d'après l'*Alphabetum narrationum* (début XIVE siècle) », dans Colloques internationaux CNRS. 589. — *La lexicographie du latin médiéval et ses rapports avec les recherches actuelles sur la civilisation du Moyen Age*, 1981, p. 321-332.
- Le Goff, Jacques, *La bourse et la vie. Economie et religion au Moyen Age*, Paris, Hachette, 1986.
- Le Goff, Jacques, « L'appétit de l'histoire » dans *Essais d'Ego-histoire*, réunis et présentés par Pierre NORA, Paris, Gallimard, 1987, p. 173-239.
- Le Goff, Jacques, « Saint Louis et la parole royale », dans *Le nombre du temps, en hommage à Paul Zumthor*, Paris, 1988, p. 129-136.
- Le Goff, Jacques, « Réalités sociales et codes idéologiques au début du XIIIe siècle : un *exemplum* de Jacques de Vitry sur les tournois », dans *Publication commémorative*, tome IV des publications de l'Institut de recherches iconographiques sur la civilisation et les arts du Moyen Âge de l'Autriche (Institut für mittelalterliche Realienkunde Osterreichs), 1980, p. 1-7, dans *L'imaginaire médiéval*, p. 248-256.
- Le Goff, Jacques, « Le temps de l'exemplum (XIII<sup>e</sup> siècle) », dans *Le Temps chrétien de la fin de l'Antiquité au Moyen Âge, III<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècles (Actes du colloque international du CNRS n° 604, 9-12 mars 1981)*, Paris, Ed. du CNRS, 1984, p. 553-556.
- Le Goff, Jacques, « Le juif dans les *exempla* médiévaux : le cas de l'*Alphabetum narrationum* », dans *Le Racisme. Mythes et sciences. Mélanges Léon Poliakov*, sous la direction de Maurice Olender, Bruxelles, Ed. Complexe, 1980, p. 209-220.
- Little, Lester, «Saint Louis' Involvement with the Friars», in *Church History*, 33, 196, p. 125-148.
- Louis, Nicolas, Thèse de doctorat : *L'exemplum en pratiques : Production, diffusion et usages des recueils d'exempla latins aux XIIIe-XVe siècles*, Université de Namur, 2013 (inédate) en ligne sur le site du GAHOM
- Louis, Nicolas, « Exemplum ad usum et abusum. Définitions d'usages d'un récit qui n'en a que la forme » dans Véronique Duché-Gavet et Madeleine Jeay (dir), *Le récit exemplaire, 1200-1800*, 1 vol., Paris, Éd. Classiques Garnier, 2011, (Colloques, congrès et conférences sur la Renaissance, 67), Colloque de la SATOR (Société d'analyse de la topique dans les œuvres romanesques), p. 17-36.
- Mainle Kienzle, Beverly, *The Sermon: Typologie des sources du moyen âge occidental, fasc. 81-83* (2000).
- Milani Giuliano, *Images de la politique médiévale. Justice, société et représentations culturelles dans les communes italiennes (XIIe-XIVe siècle)*, vol. 2 : *L'homme à la bourse autour du cou : généalogie de la peinture infamante*, sous la direction d'Elisabeth Crouzet-Pavan, Université de Paris IV-Sorbonne, 21 novembre 2015, thèse HDR encore inédite.
- O'Connell, David (éd.), *Les propos de Saint Louis* (avec une préface de J. Le Goff), Paris, 1974.
- Polo de Beaulieu, M. A. (éd.), *La Scala cœli de Jean Gobi, présentation et édition*, éditions du CNRS, collection Sources d'histoire médiévale, IRHT, 1991, 766 p.
- Schmitt, Jean-Claude, *Le saint lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, Flammarion (Bibliothèque d'ethnologie historique), 1979, 278 p. ; 2<sup>e</sup> éd. Flammarion, coll. Champs, 2004.
- Schmitt, Jean-Claude, « Trente ans de recherche sur les *exempla* », dans *Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, avril 2005, n° 35, *Indexer les exempla médiévaux*, p. 13-20.
- Tilliette, J.-Y., « L'exemplum rhétorique : questions de définition », in Jacques Berlioz, Marie-Anne Polo de Beaulieu (dir.), *Les exempla médiévaux : nouvelles perspectives*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 67-82.

- Von Moos, Peter, *Geschichte als Topik. Das rhetorische Exemplum von der Antike zur Neuzeit und die Historiae im "Policraticus" Johannis von Salisbury*, Hildesheim, Zurich, New York :Georg Olms Verlag, 1988.
- Von Moos, Peter, "The Use of *exempla* in the *Policraticus* of John of Salisbury", in *The World of John of Salisbury*, éd. M. Wilks (Studies in Church History, Subsidia 3), Oxford, 1984, p. 207-261.
- Von Moos, Peter, "L'exemplum et les *exempla* des prêcheurs", in Jacques Berlioz, Marie-Anne Polo de Beaulieu (dir.), *Les exempla médiévaux : nouvelles perspectives*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 67-82.

---

\* Tradução do francês ao português do Prof. Ms. Thiago de Souza Ribeiro Chaves (PEM-UnB).

<sup>1</sup> ALHOMA (Anthropologie Historique du Long Moyen Age) est resultat de la récent fusion entre deux laboratoires : GAHOM (Groupe d'Anthropologie Historique de l'Occident Médiéval et GAS (Groupe d'Anthropologie Scolastique).

<sup>2</sup> Essa fonte já foi utilizada por J. Berlioz, "As pesquisas na França sobre os *exempla* medievais, 1968-1988", em *Exempel und Exempelsammlungen*, dir. Walater Haug und Burghart Wachinger, TübingenTübingen : Max Niemeyer Verlag (Fortuna vitrea, Arbeiten zur literarischen Tradition zwischen dem 13. und 16. Jahrhundert, 2), 1991, p. 288-317.

<sup>3</sup> Agradecemos a Nicolas Veysset, arquivista do Centro de Pesquisas Históricas de ter posto à nossa disposição todos os antigos anuários.

<sup>4</sup> Jean-Claude Schmitt, *Le saint lévrier. Guinefort, guérisseur d'enfants depuis le XIII<sup>e</sup> siècle*. Paris, Flammarion (Bibliothèque d'ethnologie historique), 1979, 278 p. ; 2<sup>e</sup> éd. Flammarion, coll. Champs, 2004.

<sup>5</sup> NT: No original, faltam as aspas que encerram esse trecho. Pelo sentido e por questões de coesão textual, o tradutor achou por bem acrescentá-las à tradução.

<sup>6</sup> Jacques Berlioz, então aluno da Escola de Chartes (1973-1977), assistiu, a partir de 1974, às aulas de Jacques Le Goff. Foi este último quem lhe propôs de editar para sua tese da Escola a terceira parte da coletânea de Etienne de Bourbon. Jacques Le Goff de fato fora à Escola de Chartes, em maio de 1974, convidado por Jacques Monfrin, professor de filologia romana na Escola, para dar um curso na Escola de Chartes sobre os *exempla* medievais e o interesse de dar a eles edições críticas. Uma aluna da Escola de Chartes, da entrada anterior à de Jacques Berlioz, Denise Ogilvie-David, já iniciara a edição da segunda parte do tratado. No seio da Escola de Chartes, a edição da mesma obra medieval por vários alunos (alguns anos mais tarde, Jean-Luc Eichenlaun editou a primeira parte do tratado) era um caso inédito e surpreendente. E que, salvo engano, não se renovou.

<sup>7</sup> Jérôme Baschet fez sua tese sob a direção de Jacques Le Goff, sobre *As justiças do além*, publicada em Roma, em 1993.

<sup>8</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Trinta anos de pesquisa sobre os exempla*", em Cadernos do Centro de Pesquisas Históricas, abril de 2005, n° 35, *Indexer dos exempla* medievais, p. 13-20, spec. p. 14.

<sup>9</sup> O fascículo sobre o sermão foi finalmente publicado por Beverly Mainle Kienzle. *The sermon – Tipologia das fontes da Idade Média ocidental*, fasc. 81-83 (2000).

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. *O exemplum e a retórica na predicação nos séculos XIII e XIV*. Colóquio da Associazione per il Medioevo e l'Umanesimo latini, consagrado a *Retorica e Poetica trai i secoli XII e XIV*, 1985, pp. 3-28.

<sup>11</sup> SCHMITT, Jean-Claude. *Trinta anos de pesquisa sobre os exempla*, em Cadernos do Centro de Pesquisas Históricas, abril de 2005, *Indexer os exempla* medievais, pp. 13-20, spec. p. 16.

<sup>12</sup> *Introdução*, em BERLIOZ, J.; POLO DE BEAULIEU, M.A. (dir.). *Os exempla medievais: novas perspectivas*. Paris: Champion, (Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge, 47), 1998, p. 11-17; Preâmbulo (com Claude Bremond e Jean-Claude Schmitt) de *Os exempla medievais: introdução à pesquisa seguida de quadros críticos do Index exemplorum de Frederic C. Tubach* (sob a direção de Jacques Berlioz e Marie Anne Polo de Beaulieu), Carcassonne, GARAE, Hésiode, 1992.

<sup>13</sup> Peter von Moos, *Geschichte als Topik. Das rhetorische Exemplum von der Antike zur Neuzeit und die Historiae im "Policraticus" Johannis von Salisbury*, Hildesheim, Zurich, New York :Georg Olms Verlag, 1988. Essencial para o *exemplum* retórico; ver especialmente pp. 39-69, relações entre *exemplum* retórico e *exemplum* homilético. *Id.*, "The Use of *exempla* in the *Policraticus* of John of Salisbury", in *The World of John of Salisbury*, éd. M. Wilks (Studies in Church History, Subsidia 3), Oxford, 1984, p. 207-261. *Id.*, "O *exemplum* e os *exempla* dos pregadores", in Jacques Berlioz, Marie-Anne Polo de Beaulieu (dir.), *Os exempla medievais : novas perspectivas*, Paris, Honoré Champion, 1998, p. 67-82. J.-Y. Tilliette, "O *exemplum* retórico: questões de definição », *ibid.*, p. 43-65. Nicolas Louis, Tese de doutorado :

o 'exemplum em prática :Produção, difusão e usos das coletâneas de exempla latinos nos séculos XIII-XV, Universidade de Namur, 2013 (inédita) online no site do GAHOM e seu artigo « *Exemplum ad usum et abusum. Definições de uso de uma narrativa que dela só tem a forma* » em Véronique Duché-Gavet e Madeleine Jeay (dir), *A narrativa exemplar, 1200-1800*, 1 vol., Paris, Éd. Classiques Garnier, 2011, (Colloques, congrès et conférences sur la Renaissance, 67), Colloque de la SATOR (Société d'analyse de la topique dans les œuvres romanesques), p. 17-36.

<sup>14</sup> Claude Bremond, « *L'exemplum médiéval est-il un genre littéraire ? : nouvelles perspectives* », em Jacques Berlioz, Marie-Anne Polo de Beaulieu, *Les exempla médiévaux*, Paris, Honoré Champion, col. « Nouvelle bibliothèque du Moyen Âge » (nº 47), 1998, p. 21-28.

<sup>15</sup> Jacques Le Goff, « Le merveilleux nordique médiéval », dans *Mélanges dédiés à Jean Malaurie (120 témoignages en hommage à 40 ans d'études arctiques)*, Paris, Plon, 1990, p. 21-27.

<sup>16</sup> Em *Apetite pela história* (p. 230), Jacques Le Goff retorna a essa colaboração tristemente interrompida: “Uma alegria me foi recusada. Nós projetávamos, Charles Joisten, o grande etnólogo encontrado pelo intermédio de três amigos citados mais acima, e eu, publicar e estudar em comum um conjunto de contos dos Alpes e do Dauphiné, cujas versões em latim do início do século mie [sic] eu conheço, e dos quais ele havia recolhido versões recentes e contemporâneas: longa duração do folclore... Poxa! A morte levou brutalmente Charles Joisten aos quarenta e quatro anos, em 1981. Eu poderia publicar apenas, em homenagem à sua memória, o texto e a tradução das narrativas medievais sem as versões modernas e os comentários que somente a sua ciência ter-nos-ia permitido elaborar”. Os três amigos mencionados são Jean-Michel Guilcher, Donatien Laurent e Marie-Louise Tenèze.

<sup>17</sup> LE GOFF, Jacques. *Une collecte ethnographique en Dauphiné au début du XIIIe siècle* dans *Le Monde Alpin et Rhodanien*, n. 1-4, 1982, p. 55-65.

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Paris, Gallimard, 1981, p. 127-130. Tema igualmente evocado em seu artigo “*Vita et pre-exemplum*”, no segundo livro dos *Diálogos de Gregório, o Grande*, em *Hagiographie, culture et société IVe-XIIIe siècles*, Paris, 1981, p. 105-120.

<sup>19</sup> LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. “O Purgatório pregado: os *exempla*”. p. 399-413, spéc. p. 399-400.

<sup>20</sup> Resumo na *Positions des thèses...*, Paris: Ecole de Chartes, 1977, p. 25-33.

<sup>21</sup> J. Berlioz, Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus. Tertia pars de dono scientie*, cura et studio Jacques Berlioz, Turnhout : Brepols Publishers, 2006 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124B – Exempla Medii Aevi, t.III). Mas também: Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus. Prologus. Prima pars de dono timoris*, cura et studio Jacques Berlioz et Jean-Luc Eichenlaub, Turnhout : Brepols Publishers, 2002 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124 – Exempla Medii Aevi, t. I). Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus : Secunda pars de dono pietatis* cura et studio Jacques Berlioz, Denise Ogilvie-David et Colette Ribaucourt, Turnhout : Brepols Publishers, 2015 (Corpus Christianorum. Continuatio Mediaevalis, 124A – Exempla Medii Aevi, t. VII), XXVIII-690 páginas.

<sup>22</sup> Pudemos consultar os relatórios de teses conversadas na EHESS graças ao arquivista do Centro de Pesquisas Históricas, Nicolas Veysset.

<sup>23</sup> M. A. Polo de Beaulieu, *La Scala cœli de Jean Gobi, présentation et édition*, éditions du CNRS, coleção *Sources d'histoire médiévale*, IRHT, 1991, 766 p.

<sup>24</sup> Colette Ribaucourt († 2007) não pôde publicar seu trabalho ainda viva na edição do *Alphabetum narrationum*, ed. Por E. Brill, Brepols, Turnhout (Corpus Christianorum Continuatio medievalis, 160 – Exempla Medii Aevi, t. VI), 2015 : *e schedis* † Coletae Ribaucourt *et auxilium praestantibus* J. Berlioz et M. A. Polo de Beaulieu.

<sup>25</sup> Tese apresentada em diversos artigos, entre os quais: “*Exempla* e práticas sociais no final da Idade Média. Sobre o uso dos *exempla* nas confrarias (Itália, século XV)”, em J. Berlioz e M.A. Polo de Beaulieu (dir.), *Os Exempla medievais: novas perspectivas*, Paris, Champion, 1998, p. 309-330.

<sup>26</sup> Jacques Le Goff, “O vocabulário dos *exempla* de acordo com o *Alphabetum narrationum* (início do século XIV)”, em Colóquios internacionais CNRS. 589 – *A lexicografia do latim medieval e suas relações com as pesquisas atuais sobre a civilização da Idade Média*, 1981, p. 321-332.

<sup>27</sup> J. Delumeau, *O medo no Ocidente dos séculos XIV ao XVIII*, Paris, 1978.

<sup>28</sup> Jacques Le Goff, *A bolsa e a vida. Economia e religião na Idade Média*. Paris: Hachette, 1986, spec. p. 13-16. Deve-se notar que o medievalista italiano, Giuliano Milani (Universidade de Roma La Sapienza) consagrou uma parte de sua tese de habilitação a pesquisar esse *exemplum*. Ver: G. Milani, *Images de la politique médiévale. Justice, société et représentations culturelles dans les communes italiennes (XIIIe-XIVe siècle)*, vol. 2 : *L'homme à la bourse autour du cou : généalogie de la peinture infamante*, sob orientação de Elisabeth Crouzet-Pavan, Université de Paris IV-Sorbonne, 21 novembre 2015, tese HDR ainda inédita.

<sup>29</sup> *Apetite da História*, em *Ensaio de Ego-história*, reunidos e apresentados por Pierre Nora, Paris, Gallimard, 1987, p. 173-239, aqui p. 236.

---

<sup>30</sup> J. Le Goff. “São Luís e o discurso real”, em *O número do tempo, em homenagem a Paul Zumthor*, Paris: Champion, 1988. P. 129-136, aqui p. 132-133.

<sup>31</sup> David O’Connell, ed., *Os propósitos de São Luís* (com prefácio de J. Le Goff). Paris, 1974.

<sup>32</sup> L. Little, «Saint Louis' Involvement with the Friars», in *Church History*, 33, 196, p. 125-148.

<sup>33</sup> Stephani de Borbone *Tractatus de diversis materiis predicabilibus. Prologus. Prima pars de dono timoris*, op. cit., *Exemplum* n° 295, texte I, VII, l. 492/501, p. 287-288 ; resumo e comentário : p. 505.

<sup>34</sup> Citaremos apenas esse belo artigo sobre a mesma temática social: *Realidades sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um exemplum de Jacques de Vitry sobre os torneios*. Em: *Publicação comemorativa*, tomo IV das publicações do Instituto de pesquisas iconográficas sobre a civilização da Idade Média da Áustria (Institut für mittelalterliche Realienkunde Österreichs), 1980, pp. 1-7, em *O imaginário medieval*, pp. 248-26, bem como *O tempo do exemplum (século XIII)*, em *O tempo cristão do fim da Antiguidade à Idade Média, séculos III-XIII (Atos do colóquio do CNRS n° 604, 9-12 de março de 1981)*. Paris: Ed. do CNRS, 1984, ppp. 553-556.

<sup>35</sup> *O judeu nos exempla medievais: o caso do Alphabetum narrationum*, em *Racismo – Mitos e ciências. Miscelâneas Léon Poliakov*, sob a direção de Maurice Olender. Bruxelas: Ed. Complexe, 1980, pp. 209-220.

<sup>36</sup> Christine Boyer (éd.), Humberti de Romanis, *De Dono timoris*, Brepols, (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis, 218 – Exempla Medii Aevi, t. IV), 2008.

<sup>37</sup> Coletâneas cistercienses: : Olivier Legendre (ed.), *Collectaneum exemplorum ac visionum clarevallense*, Brepols, (Corpus christianorum. Continuatio mediaevalis, 208 – Exempla Medii Aevi, t. II), 2005 ; J. Berlioz, M. A. Polo de Beaulieu, *Collectio exemplorum cisterciensis in codice Parisiensi 15912 asseruata*, Turnhout, Brepols (Corpus Christianorum Continuatio Mediaevalis, 243 – Exempla Medii Aevi, t. V), 2012.

Stefano Mula está preparando a edição do *Liber miraculorum* de Herbert de Clairvaux ou de Torrès.